

Estética como ação política: fazendo cabeças e soltando cabelos

Amanda Raquel da Silva
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
amanda_rq@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar os processos de construção de sujeito a partir do movimento *Encrespa Geral*, na cidade de Natal/RN. Nele são abordados temas da identidade negra de mulheres e sua afirmação ativista por meio do cabelo afro. São mulheres que passam pelo processo estético de transição capilar e pretendem reconstruir uma personalidade deteriorada pelos padrões de beleza estereotipados que desvalorizam os traços negroides. A ideia sustentada é de que o movimento não se resume a um debate estético, mas a partir dele se tem a discussão política sobre corpo e estética de mulheres negras atualmente. Além disso, será analisado o processo de transição capilar, no qual cabelo crespo, livre da química e assim dito, natural, é visto como um dispositivo de contestação de uma espécie de “ditadura capilar” e ao mesmo tempo, da produção de sujeitos. Por isso, proponho refletir como a construção de um elemento estético – o cabelo crespo, sem química - tem sido vista e entendida enquanto formadora de um ativismo social, cultural e político do negro no Brasil. A pesquisa consiste na análise das narrativas de mulheres residentes em Natal/RN, e o meio privilegiado para a etnografia se deu pelo evento intitulado “Encrespa Geral”, onde se discutiu com as participantes, a partir da temática do cabelo, questões como autoestima, racismo e construção da identidade.

Palavras-chave: Antropologia do sujeito; Transição capilar; Identidade; Raça; Cabelo.

Introdução

As pesquisas que desenvolvemos possuem um pouco de nós mesmos, o que sentimos, o que acreditamos e a paixão pelo estudo advém da nossa vivência pessoal. No caso deste trabalho, isso foi bastante presente, pois o surgimento do objeto de pesquisa vem a partir da minha história enquanto pesquisadora e os comentários, sugestões e a repercussão em si que recebi de retorno das pessoas que conheciam a temática, me auxili-

liaram a perceber de fato a importância do estudo, ou do cabelo em si. O que, de fato, instigou-me para mostrar que estudar cabelo não é algo trivial porque ele funciona como importante traço diacrítico para negros e negras, no qual demonstra como se dão as relações raciais neste país.

Isso porque, dentro do discurso proferido no movimento negro no Brasil, o cabelo funciona como signo de uma linguagem social, uma identificação racial, uma parte do corpo que revela a essência e a concepção sobre o *eu* de uma *identidade* negra e esse traço ainda tende a ser rejeitado quando não se insere nos padrões de uma sociedade estruturada nas bases do racismo. Padrões esses que interferem no olhar individual e impõem modos de agir. Aparência pessoal e autoimagem tem um efeito tremendo atualmente em vários aspectos de nossas vidas. Nossas escolhas sobre estilos de cabelo podem significar a diferença entre aceitação e rejeição por grupos e, individualmente, isso pode ser visto no valor simbólico dado ao cabelo em diversas sociedades.

O cabelo como algo *ruim* funciona para não aceitação do negro como ele é, acarretando em autoestima negativa sobre si mesmo, quando aprende que seu nariz, sua boca, seu cabelo, sua cor de pele, entre outros traços, são opostos ao que é *belo* e aceitável. Logo, supõe-se que o corpo negro deveria fazer inúmeras tentativas para se entrar no padrão estabelecido, mesmo negando-o quando o tenta e não aceitando quando o nega. O fato de não poder ser aquilo que quer, nem tampouco aquilo que exigem causa uma crise existencial, uma não aceitação que se repete nos discursos de muitas mulheres negras. Dentro desse quadro, o encontro que o evento *Encrespa Geral* organiza dá uma sensação de pertencimento, que causa um bem-estar pessoal e uma integração de um grupo que muitas vezes não se conhece, mas divide experiências comuns.

De acordo com Munanga (1988), no texto *Negritude: usos e sentidos*, se o processo de construção da identidade nasce a partir da consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, essa consciência não se dará igualmente entre todos, visto as diferenças dos contextos socioculturais. Assim, a identidade de um grupo pode ser vista como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definirem em contraposição aos membros de outros grupos, visando a conservação do grupo como entidade distinta. A partir disso, o autor se indaga se a negritude se dá pelas vias da cor de pele e pelo

corpo unicamente, ou pela cultura e pela consciência do oprimido. E, com isso, mostra que a alienação do negro tem se realizado pela inferiorização do seu corpo antes de atingir sua mente, o espírito, a história e a cultura.

A aceitação da beleza negra se constitui no processo identitário, já que enxergar o cabelo crespo e corpo negro enquanto belos significa um resgate ou uma construção da autoestima, valorizando a própria raça que historicamente vem sendo depreciada através de um processo discriminatório que relaciona fatores biológicos – cabelo, cor de pele, sinais diacríticos de ascendência africana – com aspectos morais que inferiorizam um grupo. Tal realidade causa danos à constituição individual e social de homens e mulheres negras. A partir desse processo, as próprias vítimas passam a acreditar numa inferiorização natural, pois são social e psicologicamente convencidos a isso e passam a desenvolver estratégias para se ter um lugar socialmente mais desejável, como manipular e alterar símbolos que são vistos ideologicamente como distantes da supremacia branca. Por isso, a alteração do corpo e do cabelo do negro pode algumas vezes ter sentido de aproximação do branco como *ideal* e afastamento do negro.

Logo, o trabalho resulta de uma etnografia deste movimento, o *Encrespa Geral*, que é um projeto de afirmação da diversidade de texturas dos cabelos, visando principalmente o cabelo crespo. Desde 2011, grupos em redes sociais foram crescendo ao divulgarem formas de cuidados com esse tipo de cabelo e, com o tempo, se percebeu a necessidade de ultrapassar o ciberespaço, dando início ao encontro presencial de crespas e cacheadas pelo Brasil. A partir de minha inserção nele como militante incluo as articulações que são feitas por meio de redes sociais da internet, além dos eventos promovidos pelo movimento, como o *Encrespa Natal*. Nas reuniões do movimento e nos eventos, colhi narrativas de algumas mulheres no evento e na sua construção, processo que durou meses, desde o primeiro em que estive presente, em outubro de 2014 até o seguinte em novembro de 2015, ambos ocorreram em Natal/RN.

A escolha do evento não foi aleatória, visto que estudos com temática da negritude têm sido meus alvos de interesse no último ano, mais precisamente, com respeito ao cabelo crespo, também conhecido como afro, étnico, ou *black*; que é considerado marca estética de afirmação da identidade negra, por representar um reconhecimento e autovalorização do *ser negro*; analisando o projeto

que valoriza o uso do cabelo natural, seja ele crespo, cacheado, ou ondulado; e se rebela ao que é conhecido como ditadura capilar, que impõe um paradigma que hierarquiza tipos de cabelos. Nesse estudo, irei focar na figura da mulher na discussão do evento e da temática, baseando-se no número substancialmente maior dessas em tal espaço de valorização da beleza negra. Nas edições existem momentos em que é sugerida abertura para que as participantes falem sobre suas experiências pessoais a partir da trajetória de transição capilar. Tal abordagem favoreceu a técnica para pesquisa, pois espontaneamente os discursos foram surgindo, demonstrando o desejo em compartilhar falas que possivelmente, visto o espaço, são semelhantes e capazes de causar empatia com os demais.

No texto *Alisando o Nosso Cabelo*, bell hooks¹ (2005) traz à tona que apesar dos avanços em políticas de reconhecimento racial, as mulheres negras permanecem presas na insegurança de soltar e assumir o cabelo afro, natural, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério, fazendo com que isso reflita diretamente na autoestima e com isso, nas emoções. “[...] dói perceber a relação entre a opressão racista e os argumentos que usamos para convencer a nós mesmas e aos outros de que não somos belos ou aceitáveis como somos” (HOOKS, 2005, p. 05). Na maioria dos debates que tratem da questão da mulher negra, o cabelo é sempre peça citada e fundamental quando o assunto é estética e preconceito. Desde então, me indagava acerca do porquê o cabelo gera tanta discussão para negras e negros nesta sociedade e, por vezes, incômodo, para brancos.

No Brasil, a história construiu um sistema classificatório que se relaciona com as cores das pessoas; o cabelo e a cor da pele são considerados os sinais mais evidentes da diferença racial, confirmando o valor simbólico desses traços que reforçam ideologias raciais. A partir disso, “branca” e “preta” representam valores de “superioridade” ou “inferioridade”, assim como “bonito” e “feio”, “bom” ou “ruim”, dando-os conteúdos políticos e ideológicos, que são utilizados pelo racismo que divide o mundo em partes opostas.

A socióloga Ângela Figueiredo (2002) realizou estudo pioneiro sobre o significado da manipulação do cabelo dos negros no Brasil. No trabalho, mostra a relevância do tema para entender a dinâmica da classificação da cor enquanto discurso sobre construção da identidade negra, observando a relação entre práticas e discursos nas diferentes formas de usar o cabelo. Para algumas

mulheres da militância negra, o cabelo é importante na demarcação da diferença dentro do discurso sobre identidade. Já para as demais participantes da pesquisa (mulheres distantes da militância), o cabelo é o que pode e deve ser manipulado quando desejado, dependendo do lugar que se pretende ir, preços, etc. Segundo a autora, com relação aos discursos sobre cabelo, uma questão importante diz respeito à naturalidade associada à aparência. O cabelo visto como natural é aquele que não aparenta que sofre de manipulações químicas.

Para a militância negra no Brasil, o cabelo natural é símbolo da afirmação identitária, que deve ser contrarregra ao alisamento, afirmando os fenótipos negros. Na imagem dual da sociedade ocidental, o negro é associado à feiúra, burrice, sujeira, etc.; enquanto o branco é visto como bom, belo e justo. O discurso do movimento negro então se propõe a uma inversão simbólica, visto que antes a marca do negro sofria a manipulação para o embranquecimento, e então se torna determinante para a construção da identidade negra. A partir disso, o uso do cabelo para os ativistas se constitui como um símbolo étnico (BACELAR, 1989). Todavia, é importante lembrar que os símbolos, ou sinais diacríticos utilizados para demarcação de pertencimento dependem do contexto de interação.

No artigo *Usos e Imagens sobre os Cabelos Crespos das Mulheres Negras* (2012), a mestrandia Luane dos Santos investiga as representações sociais sobre o cabelo crespo da mulher negra, vendo-o como forte peça no jogo identitário, como símbolo político e corpóreo e sendo visto como um dos principais elementos de construção das identidades negras, apontando como existem imagens “estigmatizadas” sobre corporeidade negra, principalmente cabelo e cor de pele. Demonstra como diariamente o negro brasileiro passa por várias formas de discriminação e racismo, como vemos em diversos estudos e a partir disso, se indaga como os usos dados aos crespos apresentam importância na análise da dinâmica cultural do racismo. A partir disso e da avaliação de quinze entrevistas realizadas, percebe que todos os processos de construção identitária feitas na infância e adolescência dessas mulheres foram interpretadas como processos de rejeição e negação sobre seus corpos e cabelos.

Outro trabalho interessante que utiliza o cabelo como base para um exame é o artigo *Cabelo de Bombril? Ethos publicitário, consumo e estereótipo em sites de redes sociais* (2013) cujo enfoque se dá a partir da avaliação da publi-

cidade e sua fundamental incumbência na compreensão de expectativas sociais, e nesse caso, mais especificamente a valorização da identificação, a partir da análise da construção do self, relacionada ao cabelo crespo, visto que esse último pode funcionar como símbolo constituinte de uma identificação da negritude. No artigo, as autoras Fernanda Carrera e Luciana de Oliveira fazem crítica a uma propaganda de uma lã de aço (Bombril) e um conjunto de manifestações que criticam a marca e a utilização da silhueta de uma mulher negra cujo cabelo era representado pelo produto, o que faz vários consumidores relacionarem o cabelo crespo à palha de aço.

Cintia Cruz, mestre em Ciências Sociais demonstra no texto *Afirmção da Negritude ou Interesse de Classe? Uma Etnografia do Instituto Beleza Natural em Salvador* (2013) como o cabelo crespo, utilizado como símbolo de afirmação da negritude, contribuinte para a elevação da autoestima de afrodescendentes, é negado a partir de etnografias na rede de salões étnicos “Instituto Beleza Natural” que “transformam” quimicamente cabelos crespos em cacheados. A partir disso, a hipótese é de que há um desejo subjetivo de sua clientela em identificar-se com o ideal de corpo proposto pela mestiçagem, ultrapassando a vontade em se afirmar etnicamente enquanto negras, percebendo que isso advém de estereótipos que enquadram cabelos crespos como “sujos” ou “desleixados”, o que faz com que as mulheres procurem o salão ansiando por uma transformação que se apresenta como uma possibilidade de acesso ao mercado e relações afetivas.

Larisse Pontes Gomes com o artigo *Entre Big Chops E Black Powers: Identidade, Raça e Subjetividade em/ na Transição* (2014), foi de fundamental auxílio, pois a sua pesquisa se dá em campo similar ao de enfoque nesta pesquisa, o *Encrespa Geral* na cidade de Maceió-AL, além de acompanhar a trajetória de mulheres negras em um grupo virtual. Sua ajuda me fez perceber que apesar da aproximação subjetiva com o tema estudado, não precisamos romantizar o campo, mesmo que tal tarefa não seja fácil e ainda, seus processos de construção do objeto de pesquisa surgem de modo bastante parecido com o meu, reconhecendo a identificação enquanto negra, o que mais uma vez demonstra como esse não é um processo isolado. Além disso, mostra como a transição capilar é uma transformação que implica em uma saída de um lugar-comum para outro diferenciado; e que esse processo traz à tona conflitos intrafamiliares, o desengavetamento

do racismo, de uma estigmatização fenotípica e de uma possível “descoberta” de uma identidade, sendo forte a presença de gênero, além do viés “raça”.

Já Dailza Araújo, em *O gênero, a etnicidade e os deslocamentos identitários frente as demandas de representação social* (2015), faz uma reflexão acerca da construção discursiva que relega papéis subalternos às mulher negras, mas que a resistência das mulheres africanas em solo brasileiro se apresenta em diversos âmbitos, até mesmo no viés estético, nos modos de vestir, adorar e enfeitar os cabelos e hoje, essas heranças possuem caráter político, como modo de protestar contra imposições estéticas que sigam um “padrão”, que seria eurocêntrico, evidenciando a mulher branca. As mulheres, assim, se tornam mártires simbólicas, visto que em seu corpo, seu cabelo, seus traços e sua pele carregam marcas de violência simbólica praticadas por séculos, para adesão desse modelo de nação que estava sendo imposto, necessitando de uma base comportamental, mas que reúnem elementos com foco em valorizar suas identidades, seus cabelos e seus corpos.

Lídia De Oliveira Matos, no texto *Não é só cabelo, é também identidade: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro* (2016), faz uma rápida análise de dois vídeos para explicitar os argumentos elaborados pelas mulheres sobre a relação dos seus cabelos com a identidade, trazendo à tona falas que revelam a transição capilar como um desafio, pois ocorre exposição a críticas em diversos meios; ainda relata sobre a possibilidade desse momento revelar a reconstrução do que se considera origens africanas; de como a representatividade é fundamental, e como as mulheres negras têm se organizado para ocupar os diversos espaços em busca de visibilidade; e percebe que em ambos os vídeos selecionados predominam falas que fazem referência a momentos da infância e em como nessa fase da vida os comentários negativos, a forma como os cabelos eram cuidados ou a falta deste influenciaram na forma como este é percebido e a partir disso a relação estabelecida dessas pessoas com relação a esse traço diacrítico se fez pelo viés da negação deste.

Na infância, período que muitas meninas negras começam os processos de alisamentos capilares através da química, não é sabido que tal atitude decorre de um apagamento de traços negroides, muito menos uma tentativa de proximidade da aparência branca, através da imposição de um padrão de beleza estabelecido pela supremacia branca; mas sim, associado

somente a um rito de iniciação da condição de mulher. Torna-se um problema das mulheres que não conhecem a própria textura capilar, como ele é de fato, pois não têm uma imagem formada de algo que foi alterado desde cedo, da identidade negra adulterada desde a infância. Como se essa modificação fosse capaz de invisibilizar traços que trariam o racismo para mais perto dessas crianças. O cabelo se torna, assim, uma obsessão para a mulher negra. Por isso, o enfoque principal da pesquisa se dá em volta das falas de mulheres que se autodeclaram negras, independente da idade.

Encrespa Geral – evento de reafirmação identitária e ação política

Os termos e conceitos não revelam só a teorização sobre a temática racial, mas vão além e alcançam diferentes interpretações que a sociedade brasileira e os atores sociais realizam acerca das relações raciais. A partir dos movimentos sociais e em particular o Movimento Negro, podemos notar a denúncia e reinterpretação da realidade social e racial brasileira, além da reeducação da população, meios políticos e acadêmicos. Negros aqui denominados são produzidos por instituições públicas brasileiras e englobam pretos e pardos no grupo racial negro, visto que a situação dos dois grupos é bem semelhante, enquanto do outro lado, se comparado ao grupo racial branco, passa a ser bastante diferente. Assim, como bem sabemos o racismo no Brasil não faz grande distinção entre pretos e pardos, como se costuma imaginar no senso comum.

Como um elemento, que no primeiro momento, aparenta ser unicamente estético, consegue unir pessoas em torno de pautas políticas e construir um movimento político que tem ganhado visibilidade e adesão de grandes públicos? Tal fato está sendo evidenciado no movimento chamado *Encrespa Geral*.

O *Encrespa Geral* se declara como um movimento a favor da inspiração e valorização da estética do cabelo natural, o crespo, cacheado, ondulado, e o enxergam como uma forma de autoconhecimento e reconhecimento de raízes, independentemente da idade, cor de pele ou tipo de textura capilar. A transição capilar (passagem do cabelo com química para novamente natural) aparece como processo de reflexão sobre a visibilidade do negro e busca por origens que passam a se constituir uma identificação identitária.

ria para alguns desses sujeitos. O debate logo passa a ter um enfoque político, pois traz à tona o sentimento de pertencimento, frisando o processo de descoberta e aceitação da identidade negra que passa por desafios para que possa ser construída e se propondo a celebrar a diversidade do Brasil.

Esse projeto acredita que exacerba a imagem política com o seguinte slogan: *Encrespa Geral, não é só por cabelo*, pois esteticamente o cabelo pode mostrar uma identidade e/ou crença, que passa a ser defendida quando se assume sua aparência natural, no caso do cabelo crespo, símbolo de resistência racial dentro de uma sociedade em que impõe um paradigma que hierarquiza tipos de cabelos trazendo nomenclaturas que passam a considerar algo como *belo* ou *feio*, sendo evidenciado o belo como o oposto ao que vem a ser um traço estético negro, o cabelo crespo. Segundo o projeto da organização, a mudança recai sobre o comportamento dos participantes, que passam a encarar o racismo de um novo viés quando assumem seus cabelos naturais, trazendo a tona questões sócio raciais que envolvem a temática da negritude e a própria realidade social desses sujeitos.

Em suma, os grupos nas redes sociais e os encontros presenciais auxiliam no apoio em relação à aceitação da estética que é negada pelos padrões eurocêntricos que são pré-estabelecidos ao longo dos anos. Usar o cabelo alisado vinha disfarçado nos dizeres de que assim seria higiênico e demonstrava cuidados pessoais *cuidar* desse cabelo, ou *embranquecer* o corpo negro, taxando-o como sujo ou descuidado.

O que enxergo de mais positivo é a sensação de um encantamento nesses encontros humanos, que podem conferir aos negros uma nova matriz de relacionamento, capaz de ajudá-lo na construção de uma autoestima positiva.

Como tudo começou...

A história do *Encrespa Geral* se inicia em 2011 com a divulgação de diversas formas de tratos com o cabelo crespo a partir das redes sociais, com um grupo que se intitula *Amigas Cacheadas* e possui até então, mais de 60 mil curtidas. Com a evolução do trabalho e a vontade em expandir a ideologia promovida pelo movimento, surge a necessidade de levá-lo para além da internet e o projeto passa para a estrada, se tornando *Amigas Ca-*

cheadas na Estrada e realizando encontros no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Com grandes demandas e pedidos em outras cidades, mas a falta de condições financeiras para isso, em 2013 a expansão foi pretendida e a idealizadora, Eliane Serafim sai em busca de blogueiras, jornalistas, criadoras de outros grupos sobre cabelos crespos, ativistas sociais, entre outras para que pudessem coordenar o encontro em demais cidades do Brasil, seguindo a proposta de cumprir um parâmetro de acordo com o inicial. Com a junção de 15 cidades, surge o *Encrespa Geral*, que passa a incluir palestras de conscientização, diálogos, discussões acerca das experiências vividas de algumas participantes; e toma um enfoque mais político da questão, ultrapassando motivações estéticas e se tornando um ativismo social. Tais cidades foram: São Paulo, Florianópolis, Recife, Maceió, Natal, Ipatinga, Salvador, Curitiba, Brasília, Rio de Janeiro, Florianópolis, Cuiabá, Belo Horizonte e Goiânia no Brasil e Miami nos Estados Unidos da América. E em 2014, sua segunda edição com as 15 cidades contaram com a presença de mais de 1.200 pessoas. Nesse momento, o evento tem propostas de ocorrer também na Oceania, Europa, África e América do Norte. Até o presente momento, estima-se que o público alcançado na internet ultrapasse 400 mil pessoas que já leram e/ou acompanham blogs, vídeos, seguidores de grupos, organizadores dos eventos.

A partir da expansão do evento, esse passa a se declarar uma iniciativa com perfil de Projeto de Ação Social, ultrapassando o que antes servia para construção de laços de amizade e trocas de cuidados capilares e vem a ser um trabalho de conscientização e inspiração para a beleza natural, com valorização da autoestima e debates sobre preconceitos e questões raciais que se seguem com a referência a tal temática, o cabelo crespo.

Na comunidade do Facebook, *Encrespa Geral* atualmente tem mais de vinte e três mil curtidas, o que demonstra a grande composição de pessoas que dividem interesses e/ou ideologias em comum, mesmo que com seus significados individuais do que se pretende tal coletividade. A página disponibiliza informações sobre a organização das edições passadas ou que irão ocorrer, além de trazer notícias frequentes com a temática da negritude, geralmente de cunho valorativo, o que contribui na intenção de valorização e afirmação de negros e negras na sociedade, inspirando

quem se interessa pelos assuntos abordados na comunidade na rede social.

A proposta do movimento é mostrar que a questão do uso do cabelo natural se pretende como um autoconhecimento e reencontro de raízes, independentemente da questão étnico-racial, mas trazendo-a à tona, visto que o cabelo para o corpo negro não se apresenta isoladamente, mas vem dentro do contexto de relações raciais na sociedade brasileira. O movimento se auto-declara um Encontro Internacional de Afros, crespas (os) e cacheadas (os), trazendo a frase: *A união faz a força e a força quebra barreiras #Nãoé só por cabelo*. Os objetivos propostos são expostos no site do projeto, que surgem depois da rede social e têm um caráter mais estruturado de notícias, mas não tem a mesma interação com o leitor quanto se encontra numa rede social, como o facebook, nem uma frequência de postagens, além de que as notícias só podem ser lidas pelo usuário que se cadastrar; todavia, disponibiliza os intuítos gerais do que o movimento *Encrespa* se propõe. São esses: “empoderar crespxs, cacheadx e onduladoxs para assumir suas raízes em qualquer esfera social; refletir sobre o fato de assumir o cabelo natural como um ato político; refletir sobre o direito de usar o cabelo natural independente de tipo de textura, cor, sexo ou idade; valorizar a diversidade racial; valorização da autoestima, compartilhamento de experiências sobre o tema; refletir sobre a questão do uso do cabelo como resgate de identidade; refletir sobre a como enfrentar a discriminação de forma positiva; refletir sobre a questão de cuidados capilares e saúde; enfatizar que o trabalho não tem o objetivo de impor um estilo, apenas fornecer inspiração e informações para quem se interessa pelo tema, para que cientes possam fazer suas escolhas; promover espaço para exposição de trabalhos afroempreendedores sempre que possível”.

Neste trabalho não pretendo fazer uma crítica à escolha pela intervenção estética capilar, mas sim problematizar o alisamento como regra e única opção viável para o cabelo do negro. É importante ressaltar que esse processo não é algo rechaçado na ideologia no evento *Encrespa Geral*, ao menos não para as organizadoras em Natal, pois acreditam que é uma das muitas formas de se optar com o uso do cabelo, como nos diz Z., idealizadora do projeto na cidade: “Eu que escolho se quero usar liso ou cacheado, e não uma imposição do mercado que há alguns anos viveu um verdadeiro boom

de produtos para alisamentos. É complicado você ouvir de alguém que o seu cabelo é ruim. O que é ruim? Meu cabelo te fez algum mal?”, argumenta.

Segundo Gomes (2006), o assumir a textura crespa do cabelo é entendida por muitos da sociedade brasileira como uma valorização da raça negra. No entanto, muitas vezes o discurso de politização passa a encobrir um julgamento que paralisa o negro e sua expressão estética no tempo, sentenciando quem deseja mudanças estéticas, o que vem a ser uma intolerância ao direito de escolha e uma visão linear dentro de uma sociedade heterogênea esteticamente.

A interpretação do alisamento visto de modo isolado do contexto que o produziu e história de vida dos sujeitos que o utiliza submete-se ao erro de não entendê-lo enquanto comportamento social, fazendo somente julgamento moral. Esse julgamento, ao prever comportamentos generalizantes para sujeitos específicos está repleto de preconceitos. Nem sempre será a interpretação óbvia de descontentamento com a própria raça e uma tentativa de melhorá-la. É possível, mas não é regra. Deve-se parar de generalizar a relação do negro com o cabelo, pois isso nos afasta da complexidade da questão.

Recebi muitos comentários de pessoas que sentiam o desejo de ir ao evento, mas tinham receio por possuírem cabelo quimicamente tratado ou que não fosse crespo de fato. Mas devemos lembrar que todos os estilos de cabelo dos negros tem conotação política, pois apresentam uma resposta às forças da História e cada acontecimento histórico investiu nos estilos de cabelo de forma simbólica e social. Assim, o alisamento e o permanente-afro não devem ser vistos como imitação dos “brancos”, pois também são estilos de cabelos como práticas culturais. Criticar a isso é o mesmo que dizer que as culturas negras da diáspora são produtos da “aculturação” unilateral.

Mercer (1994) discute que nenhum penteado pode ser considerado “natural”, visto que sempre é produto da cultura e os de hoje, dos negros que vivem no Ocidente, não possuem nada exclusivamente africano e natural, pois são, na verdade, uma estilização nos moldes do negro no Novo Mundo. Para compreender a importância em torno da problemática do cabelo crespo devemos “des-psicologizar” a questão do alisamento capilar e reconhecer diferentes estilos de cabelos e penteados como eles são: práti-

cas culturais. Pode tratar de identidade, modos de aparência que mudamos todos os dias, podem ser expressões individuais de si mesmo, ou personificação das normas e expectativas da sociedade. A partir disso, o autor se indaga por que gastamos tanto tempo, dinheiro, preocupação e energia criativa cuidando do nosso cabelo? Para melhor responder, nos mostra que pessoas da diáspora tem um desenvolvimento único, como estilos de fala, vestimenta, danças etc., que são criativas respostas para as opressões.

O estilo do cabelo do negro pode ser visto como uma forma popular de arte, articulando variedade e soluções estéticas para vários problemas criados pela ideologia de raça e racismo. Na Jamaica isso é mais afluído com a religião; nos EUA se tiver uma gota de sangue de negro, tal pessoa passa a ser vista como negra; etc. O processo de miscigenação brasileiro fez com que a sociedade negasse ou recusasse os traços negroides, valorizando a mistura e preferindo traços dos brancos. Traços diacríticos considerados mais negros, como cabelo e cor de pele são utilizados numa escala de classificação racial. Como diz Gomes (2006), no Brasil a rejeição e aceitação do ser negro ultrapassam a esfera da racionalidade, já que a expressão desse conflito passa necessariamente pelo corpo, incluindo sinais diacríticos e, entre eles, o cabelo se destaca. Esse processo inclui dimensões mais profundas, pois são históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas. De um ponto de vista cultural, o distanciamento social é alicerçado nas relações de poder que inventam e impõem distâncias entre os grupos humanos. A partir disso, o sentimento de rejeição expresso entre os negros revela a distância social entre esses e brancos como uma construção sócio-político-cultural, apelando para a crença da supremacia branca.

Por isso, pensar o alongamento, relaxamento ou permanente do cabelo como práticas culturais dá a possibilidade de se pensar o espaço da recriação, interculturação e ressignificação da expressão negra na diáspora. Não se pode afirmar que todo negro ou negra que utilize desses procedimentos padecem de uma negação da negritude, nem que não se posicionam politicamente diante da questão racial. Todavia, mesmo sendo práticas culturais não se deve esquecer que foram construídas por negros da diáspora em situação da dominação branca.

Inspiração e incentivos...

Com a reunião das diversas comissões organizadoras pelas cidades, alguns compartilhamentos de informações e demandas são divididas entre as demais participantes de uma página privada do Facebook, permitida só para organizadoras comprovadas, e entre esses houve um que me tocou e achei interessante abordá-lo nesse momento.

Para a edição na cidade de Maceió, no Estado de Alagoas, uma cantora local escreveu uma letra que se tornou tema para abertura do evento. Ela se chama Mel Nascimento e ficou feliz em dividir a letra com as demais comissões e deu permissão para utilização nesse trabalho. Tal letra evidencia a estética da mulher negra de modo positivo, aconselhando a essa para se libertar das amarras e das químicas de uma cultura que a prende em um padrão que maltrata e oprime o que é natural; além disso, enaltece a liberdade e a busca identitária de raízes negras, que por muito tempo sofria com o branqueamento de parte da sociedade. Novamente, a questão da transição capilar é abordada e ainda faz uma crítica a busca pelo cabelo sempre arrumado, seguindo um novo padrão de cacheado e crespo *perfeito* que já começa a ser comercializado pela mídia.

ENCRESPA

Letra: Mel Nascimento 03.10.2014

Música: Luciano Falcão 04.10.2014

Se eu te disser que tu tens
uma linda madeixa mas deixa
que um dia ela aprende não prende!
Deixa o vento agitar 2x
Deixar riçar, deixa frisar, deixa encar-
acolar,
deixa encrespar eu quero é sentir
o balanço do vento
faz tempo que quero desalinhar
Auto estima, identidade é essencial
Encrespa menina
Auto estima, identidade é essencial
Encrespa geral
Arre pia menina que linda,
bem vinda tua hora chegou

Liberta teu cabelo desse padrão
que a sociedade criou

Refrão

Recitativo

Deixa essa tal de chapinha gracinha
É hora de assumir o afro lindinha
Solta teu cabelo te arruma pra vida
Sim, teu afro tem poder
A vida é irregular e cheia de transição
E a cabeleira crespa, porque não?
Tua cabeleira crespa, é linda
Linda a madeixa, deixa assanhar³

Como se pode ver, a letra exalta a beleza da mulher negra, fazendo um contraponto a uma gama de músicas anteriormente cantadas de forma pejorativa e preconceituosa, que continuam sendo utilizadas de modo a discriminar e desvalorizar a estética da mulher negra, como nos exemplos a seguir: “Olha a nega do cabelo duro, que não gosta de pentear/Quando passa na Baixa do Tubo o negrão começa a gritar/Pega ela aí, pega ela aí...”⁴ e “Meu cabelo duro é assim, cabelo duro, de pixaim/Nega não precisa nem falar, nega não precisa nem dizer/Que meu cabelo duro se parece é com você...”⁵.

A compositora da letra *Encrespa* me relatou experiências de vida que tratavam da questão capilar para ela. Descreve como o preconceito, a pressão familiar e a não aceitação de sua imagem negra a fez com que utilizasse de artifícios químicos para apagar traços de sua negritude e como a música a fez repensar a própria imagem e buscar algo que condissesse mais com seu estilo. A partir disso, busca a organizadora do *Encrespa Geral* – Maceió e narra todo processo de descobrimento de raízes que vinha passando com a transição capilar, e logo passa a ter confiança necessária para cortar os restos de químicas no cabelo (BC = *big chop*⁶). Essa inspiração, sentimento de acolhimento e liberdade que sentiu a motiva a compor uma música que expresse tais emoções e assim surge a letra *Encrespa*, como relata Mel Nascimento:



Figura 1: Mel Nascimento
(Fonte: arquivo pessoal da cantora)

Quando timidamente resolvi mostrar a Tamires a reação positiva foi muito maior do que eu esperava, fora a minha alegria em ter acertado na contribuição. A euforia foi tanta que duas semanas depois lá estava nós no estúdio gravando A MÚSICA DO ENCRESPA GERAL MACEIÓ, volto a falar da minha intensa alegria em ter feito esta letra que para mim a princípio era apenas o meu grito de liberdade. Mal sabia eu que além de mim tinha várias pessoas vivendo essa mesma opressão [...] No dia 13 de novembro de 2014 lancei o cd e estava radiante, acho que essa foto representa muito bem a minha imagem de artista e de mulher feliz com meu cabelo. (Mel Nascimento, cantora – relato retirado de carta enviada para a pesquisadora – ver nota de rodapé⁷) (grifo meu).

Na imagem, a cantora Mel Nascimento aparece com o seu cabelo natural, sem intervenções químicas e vestindo roupas que representam uma personalidade que aponta para elementos étnicos de origens africanas.

Encrespando e militando: como o projeto auxiliou na identificação política de mulheres negras

Deixando ele⁸ ser quem ele quer. É de fato fazer política.
(Participante não identificada)

Munanga (1988) nos fala que a tomada de consciência pode desembocar em revolta, transformando a solidariedade e a fraternidade em armas de combate. A negritude, assim, pode ser encarada como uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas.

Para Z., o *Encrespa* surge a partir de uma necessidade de divulgar a negritude de forma diferenciada, colocando a estética negra em evidência, a partir do sentimento de que em Natal possuía essa carência. Segundo ela, via negras lindas nas ruas com cabelos lindos e se perguntava onde elas estavam. A partir daí, percebeu que precisava gerar pertencimento.

Frequentemente era perguntada se ela se via como nome do Movimento Negro do Estado – RN, mas, dizia que isso sempre a assustou e nunca quis fazer política. Todavia, mais recentemente perguntei novamente a ela como se sentia enquanto militante e como isso mudou a sua vida. A resposta foi diferente, demonstrando que encontrou a si mesma a partir da militância, e discorrendo que considera isso um objetivo de vida, demandando muita responsabilidade:

O Encrespa foi um divisor de água na minha vida. Antes eu abominava a palavra militante até que percebi que sim sou uma. A partir do Encrespa comecei a enxergar tanta coisa que antes não enxergava, percebo que por minha voz consigo alcançar muitas meninas de estima baixa e aí então entendi que não sei fazer outra coisa, e entendo o tamanho da responsabilidade que carrego, sem dúvidas sou militante e sim ser militante de movimento negro não é algo fácil, é tudo muito novo todos os dias descubro fatos diferentes, pois o racismo no Brasil, como Munanga⁹ diz, é um crime perfeito (Z. em entrevista, 2014, Natal).

Outra organizadora do projeto em Natal, C., relata que buscou se inserir na construção por encarar a isso como algo que a auxiliaria na sua identificação de negritude que surge a partir do seu cabelo. O *Encrespa*, então, a ajuda na sua aceitação e a motiva para a militância:

Foi mais a questão do meu eu negra, sabe? Eu tava procurando alguém, algumas pessoas, algum grupo, um evento, que no caso foi o Encrespa, que me ajudou bastante e me moti-

vou a buscar, a pesquisar mais sobre o meu cabelo, sobre a minha raiz e porque que ele é assim, porque ele cresce pra cima, porque ele cresce pros lados, porque ele é enrolado. Então, eu acredito que o *Encrespa* me auxiliou a me descobrir enquanto mulher negra, como uma representante da minha raça no mundo e na sociedade onde vivo, onde vivemos no caso. E foi mais ou menos isso, acho que me motivou bastante sim e me ajudou muito, mudou muito a minha vida porque eu posso dizer com todo o orgulho do mundo que eu sou cacheada, que eu sou crespa, que eu sou negra, que eu sou enraizada com a ajuda do *Encrespa*, com certeza (C., em entrevista, 2014, Natal).

C. traz à tona em seu discurso a questão da negritude e de sua resignificação a partir do cabelo crespo, mostrando como isso auxilia na construção de uma autoestima positiva a partir do cabelo, por isso tê-la ligado a sua etnia, sua raça:

Eu passei pela transição, graças a Deus, hoje me sinto muito mais feliz, eu realmente descobri o que é felicidade porque assumi como eu sou, assumi minha raça, minha etnia. Eu sou muito feliz, não vejo a hora de ta com o cabelo black, porque dizem que black é moda, mas não é moda é aceitação. E eu me aceitei, como muitas outras cacheadas e hoje a gente tem um grupo e a gente tem trocado experiências, ideias, formas de penteados, de viver melhor. Cada dia a gente pode viver de uma maneira, a gente não vive todos os dias iguais, como era com o cabelo alisado. Eu tô muito mais feliz, sou muito mais feliz hoje, por ter assumido o meu crespo natural (C., em entrevista, 2014, Natal).

Os sentidos dados ao cabelo são dimensões simbólicas que exprimem como homens e mulheres negras pensam e tematizam o corpo. Os sentimentos que expressam em relação a ele, passam a ser dados de como esse sujeito reconhece a negritude. O corpo pode ser, então, objeto e sujeito da natureza e da cultura; pois nos coloca em contato com o outro e com o mundo, através de gestos que podem ser tanto naturais quanto culturais (sorriso, piscar de olhos). Para várias mulheres presentes, o ato de aceitar o cabelo natural é assumir origens que antes eram apagadas, demonstrando uma afirmação política enquanto mulher negra:

O cabelo é meu, faço com ele o que eu quero e agora eu escolhi deixá-lo cachear, assumindo minhas origens negras. E eu acho que esse processo não é só moda, é também uma afirmação política de quem somos, mulheres negras, crespas e cacheadas (Z. em entrevista, 2014, Natal).

Meu cabelo é crespo, mas meu sonho é que seja cacheado – Encontro Pixaim

O encontro proposto foi para estreitar laços, estendendo conversas advindas de um grupo no aplicativo de celular Whatsapp, cujo nome é Crespas e Cacheadas Natal. As administradoras são Z. e N., que mais atualmente também estão fazendo parte da organização do evento na cidade.

O objetivo desse até então tem sido majoritariamente falar sobre produtos capilares e como conseguir cachos perfeitos (sem *frizz* e bem definidos), o que me dá uma preocupação de novas obrigações, quando se deixa a *ditadura* do liso, para a *ditadura* dos cachos perfeitos. O fazer político em torno do crespo, acredito eu, é fugir de padrões impostos, visto que isso retirou tal cabelo do espaço da aceitação e um movimento que se diz em prol do crespo, exigir um cabelo com cachos definidos destoa dos objetivos, quando bem se sabe que o crespo não é cacheado, que o cabelo carapinha não cresce para baixo, nem define formas, como vemos com o liso e o cacheado. Me indago então, qual o caminho que tais movimentos têm tomado? Veremos outros padrões impostos quando se tenta quebrar com alguns?

Compareci a esse encontro como tentativa de responder tais questionamentos. Além disso, assim como o *Encrespa Geral* na cidade, os locais sediados sempre são contrários a realidade da população negra, por sempre se localizarem numa zona considerada elitista e não tão acessível para o resto das pessoas que moram nas demais zonas. Mais uma vez, me posiciono contrariamente aos locais, mas tento não interferir além de dar a opinião, como risco em modificar informações na pesquisa. Mais uma indagação me surge: será que o *Encrespa* se pretende de fato atender demandas da população negra? E se sim, leva em conta a realidade da maioria dessa população, que como sabemos, se encontra na escala mais baixa socialmente, como resquícios do racismo institucional.



Figura 2 - Registros do encontro que ocorreu no Habib's, no Praia Shopping de Natal/RN. Créditos: André Wanderson¹⁰

No dia anterior notei que as pautas de conversas foram de fato sobre dicas e receitas de hidratação capilar, o que fez com que cerca de trinta pessoas se dividissem em grupos separados, esperando talvez alguma dinâmica que pudesse entrosar os demais. As perguntas sugeridas foram então: por que o seu cabelo é desse jeito? Como você o finaliza?

A partir disso, os presentes se apresentavam e davam uma dica de hidratação capilar. Dentre o número de participantes, alguns foram além das perguntas e falaram o que significava o encontro e seus sentimentos relacionados ao cabelo, além de como lidava com ele anteriormente a aceitação do cabelo natural. Dentre as falas, preocupações acerca do *frixxx* capilar, com o crespo em si, com o volume; demonstram que a aceitação não vem a ser do natural, mas pelo desejo em ser cacheadas: *Meu cabelo é crespo, mas meu sonho é que ele seja cacheado*. (A., roda de diálogo, 12/10/2015, Natal). A partir do andamento de tal encontro podemos perceber que o viés estético é frequentemente evidenciado, não se tratando diretamente da questão de lutas do movimento étnico-racial, como aparentemente se apresenta o movimento, o que não retira a capacidade de identificação entre participantes, mas não consegue ultrapassar questões caras à luta negra construída historicamente. Assim, nem sempre essas reuniões possuem pautas concernentes ao legado de militância, mas não se pode negar que falar sobre cuidados direcionados a texturas de cabelos frequentemente invisibilizadas também pode ser visto como um fazer político.

Já M. C., único homem presente, relata que o encontro é benéfico no que concerne à construção de sua negritude, já que só se vê como tal há dois anos, identificação que veio a partir do momento em que assumiu seu cabelo natural. Além disso, relata que os maiores preconceitos sofridos eram relacionados ao cabelo e vieram quando ainda deixava o cabelo crescer, já que ouvia críticas e conselhos para que alisasse ou cortasse, para ter uma aparência mais apresentável.

Algumas frases foram costumeiras nas falas dos participantes, piadas como *você nem precisa de travesseiro*; ou durante uma aula *sai da frente que quero escrever*; admiração quando dizem que *é até cheiroso*; e o mais comum é quando pedem para pegar, como se fosse algo exótico.

Muitas mulheres discorrem da importância do apoio de familiares, mas principalmente dos seus parceiros afetivos. Dizem que sem essa assistência, provavelmente não teriam continuado com o processo de transição capilar. Os elogios advindos desses parceiros (só foram relatados homens) funcionaram como auxílio para autoestima, quando as demais pessoas rejeitavam tal estética. Todavia, também houve muitos descontenta-

mentos e preocupações quando isso não ocorria, como uma mulher que dizia chorar há duas semanas e ter vergonha de sair com cabelo curto e sem definição e seu desespero maior é que seu marido chegaria de viagem e a veria assim, “sem graça, parecendo um homem”, segundo suas palavras. A partir disso podemos notar como a heteronormatividade afeta a autoestima de muitas pessoas, quando tratamos de performances de gênero, como feminilidades e masculinidades.

“Tô me sentindo muito mais mulher agora”

O cabelo grande é associado a uma questão de feminilidade, que se encontra no imaginário social que tematiza o corpo da mulher. Essa aparência que, na fantasia masculina, associa a mulher ao lugar do desejo, do prazer e da atração física, dando ao cabelo curto uma posição secundária. Assim, negras de cabelo curto não são vistas pelo senso comum como belas e atraentes. Elas acreditam que o cabelo longo é mais sensual, já que é considerado símbolo de sensualidade em diferentes culturas. No entanto, em alguns momentos reforçam o estereótipo da *mulata* sensual, pois se cruza com a particularidade racial. A partir de uma das edições desse evento foi proposta a gravação de um vídeo para divulgação do projeto, e assim, foram reunidas falas de pessoas presentes e que se disponibilizaram a falar sobre suas experiências com relação ao cabelo. Na fala de A. encontramos a questão da feminilidade como pauta importante na sua construção e seu bem estar:

Estou extremamente satisfeita com meu cabelo. *Tô me sentindo muito mais mulher agora*, natural, não preciso perder muito tempo pranchando o cabelo, não preciso perder muito tempo fazendo grandes e mirabolantes contas pra poder o cabelo ficar liso ou qualquer coisa assim. *Me sinto livre, me sinto solta, me sinto linda.* (A., grifos meus. Extraído de “As cacheadas de Natal”¹¹).

Historicamente, na literatura de relações raciais no Brasil existe um lugar relegado à mulher negra quando referido a sua construção corpórea. A figura mítica da *mulata* demonstra a incompatibilidade do sistema de classificação racial e de gênero no país, visto que essa é construída como objeto de desejo e se torna um símbolo nacional, como ainda vemos na representação da mulata *globeleza*¹² que se utiliza de atributos que a enquadra como um ser abstrato, imaginário, sintetizando todas as suas antepassadas. Mariza Corrêa, no texto *Sobre a invenção da mulata*, mostra como tal figura é vista somente como

corpo, ou sexo, e não chega a ser estabelecida socialmente, pois se enquadra no limiar, entre branco e negro, trazendo à tona a prova da teoria do branqueamento, do *encontro de raças*, sendo assim, símbolo de uma sociedade (que se quer) mestiça (CORRÊA, 1996). Tais corpos têm codificações que em alguns momentos são considerados pretos e outros *mulatos*, variando através dos momentos históricos e ideológicos. Apesar da tentativa de aproximação do ideal do branqueamento, o *mulato* não consegue benefícios materiais, mas uma categoria que o confina numa construção de gênero. Na clássica obra de Gilberto Freyre (FREYRE, 1966, p. 12) temos os provérbios que ressoam até hoje, “branca para casar, mulata para ‘foder’ e negra para trabalhar”, que demonstram o olhar para o feminino nessa sociedade, com ênfase à sua subordinação simbólica e socioeconômica para a mulher negra. Para essas mulheres no Brasil, suas trajetórias incorporam mais de uma representação ao longo dos anos, desde mulatas sexualizadas até negras nutridoras e zeladoras com mais idade, como nos mostra Angelra e Onik’a Gilliam em *Negociando a subjetividade de mulata no Brasil* (1995). Essas mulheres são vistas para o consumo, ao invés de serem tratadas como cidadãs. Enquanto jovens, não são esposáveis, mas servem para desejo sexual, o que nos demonstra resquícios evidentes do imaginário escravocrata e sua objetificação e sexualização exacerbada (GILLIAM, 1995).

G. fala do dificultoso mercado de tratamentos para cabelos crespos na cidade, demonstrando que fez o seu *BC* sozinha na gravidez, período que considera favorável pelo crescimento mais rápido do cabelo, já que aparentemente ocorria um descontentamento com o cabelo curto, mas a gravidez fazia com que essa se sentisse bem, discorrendo sobre a importância em se sentir bonita:

E aqui também não tem muitos lugares pra você cuidar. Aí eu fiz meu *bc* na gravidez, quando eu tava com três meses de gravidez, pra poder assumir ele todo crespo. Foi a melhor coisa que eu fiz, porque na gravidez meu cabelo cresceu muito rápido, eu não tive problema nenhum com crescimento e na gravidez a mulher já fica bonita por si só, então mesmo com o cabelo bem baixinho, eu me sentia bonita, me sentia valorizada, eu gostava muito (G. Extraído de “As cacheadas de Natal”).

Os dilemas do pós-BC e a ansiedade em se ter cabelo grande, por medo da falta de feminilidade e/ou receio em ter sua sexualidade confundida (preconceito), trazendo assim métodos e o uso de adereços considerados *femininos* para que não percam o sentimento de *mulher*. Considero isso

mais um dos resultados de uma sociedade heteronormativa, em que obriga a mulher a desejar somente um tipo de corpo. Apesar dessas mulheres estarem *quebrando* padrões em certos termos, ao não preferirem o cabelo longo, liso etc. como impõem os padrões estéticos, a busca em se afirmar como *mais feminina* e desejando veementemente os cabelos longos demonstra que outro padrão passa ser buscado, dentre eles o ideal do cacho perfeito.

No dia, o encontro teve a presença de quatro mulheres de Guiné-Bissau¹³ e Cabo Verde¹⁴, que relatam descontentamentos com volume e o desejo de se ter um cacho, porque assim o cabelo cresceria mais. Duas dessas possuíam a arte das tranças na cabeça, técnica aprendida pela família e que aqui na cidade elas utilizam como meio de auxiliar na renda de se viver em outro país, já que não recebem auxílio para estudar no Brasil.

Algo que chamou bastante minha atenção foi o relato que uma delas nos trouxe, falando que isso de *cabelo ruim* só conheceu no Brasil. No seu país de origem nunca tinha ouvido falar em termos nem ao menos parecidos e o alisamento não é encarado como algo importante, como enxerga aqui no país, mas é só mais uma das técnicas de manipulação capilar, assim como tranças, por exemplo. Por isso, ela nunca sentiu a necessidade, nem obrigação para alisar o seu cabelo anteriormente, mas aqui se depara com essas imposições.

Em Cabo Verde alisa quem quiser. Lá não há essa ditadura do alisamento.

Na dissertação *Seguindo as tramas de Beleza em Maputo* (2012), a autora estuda técnicas de penteados durante sua estadia na cidade de Maputo. Demonstra como o cabelo é frequentemente ligado a noção de beleza pelas mulheres que lá residem, devido aos diversos penteados e adornos utilizados:

Via a recorrência do gesto do dedo indicador apontando insistentemente para o topo da cabeça, quando lhes perguntava algo relacionado ao tema da beleza. Tal gesto surgia mesmo espontaneamente, quando elas afirmavam ser esse o local no corpo onde se localiza a beleza feminina, região para onde se lança o primeiro olhar sobre a pessoa (CRUZ, 2012, p. 56).

Tal noção de beleza é vista de modo diferente aqui no Brasil, pois sujeitos indagados com a mesma colocação consideram outras partes do corpo como sinônimos de beleza. Gomes (2006) nos mostra que a prática de manipulação

do cabelo do negro como lógica cultural o acompanha desde África pré-colonial e permanece mesmo com transformações advindas dos diversos encontros culturais dos quais os negros participam historicamente. Os contextos locais também influenciam nas respostas dadas por esses sujeitos na estética corporal, por isso as diferenças entre comportamentos dos negros em diferentes partes do mundo com relação ao cabelo. Além disso, o acesso a diferentes possibilidades de consumo, diferentes experiências, contato com múltiplas referências estéticas variam de acordo com a localização geográfica e política dos sujeitos. As influências da mídia na divulgação de determinados padrões estéticos também contribuem no peso do uso de certo consumir do negro.

Com isso, percebemos que a manipulação do cabelo é encontrada em várias sociedades e vimos que para o negro no Brasil, esse processo não se dá sem conflitos, que podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e até mesmo negação do pertencimento étnico/racial. As diversas representações a partir do cabelo do negro dentro de uma sociedade racista influenciam no comportamento individual.

Segundo Gomes (2006), é preciso lembrar que a força da escravidão e das representações negativas durante esse processo auxiliaram em marcas negativas na identidade do negro brasileiro e sua representação social. Obviamente não foram os únicos fatores, já que o capitalismo, questões políticas, aumento da exclusão social, entre outros fatores, ajudam na perpetuação do imaginário do negro brasileiro como inferior. Por isso, o olhar histórico ajuda na compreensão de como tais mentalidades foram construídas, nos planos econômicos, políticos e culturais, envolvendo negras e negros brasileiros. Desse modo, apesar dos movimentos de resistência negra desenvolvidos historicamente, o olhar descentrado do negro sobre ele mesmo, sua raça e sua cultura, implicam em uma aceitação parcial da proposição racista e rejeição histórica inscrita no seu corpo. Assim, o resultado tenderá a ser, muitas vezes, a rejeição de elementos do corpo que mais confirmem o pertencimento a raça negra, sendo principalmente o cabelo e a cor de pele.

No espaço destinado às falas de algumas participantes pude verificar algumas semelhanças entre os discursos. São muitas mulheres que não conhecem a própria textura capilar e apresentam isso como um grande problema,

pois não têm uma imagem formada de algo que foi alterado desde cedo, e assim se aumenta o receio em desejá-lo natural. Como se essa modificação fosse capaz de invisibilizar traços que trariam o racismo para mais perto dessas crianças. Por isso, posso afirmar que o cabelo se torna uma obsessão para muitas mulheres negras, sendo uma tentativa de se igualar no mundo opressor para passar despercebido ou agredir menos o olhar do outro, quando se vê alguém fora do padrão que eles mesmos estabelecem. O corpo negro que é mutilado desde cedo, sendo aquele que deve constantemente tentar se adequar a um padrão que jamais será alcançado, já que a colonização enfatiza que os traços *belos* são opostos aos negroides. Qual negro não tem uma história que retrate preconceitos no dia a dia? É recorrente vivê-los e esse espaço do evento traz à tona questões geralmente acobertadas para o resto da sociedade, pois não são consideradas de importância, são ignoradas de modo que colaboram com a perpetuação do racismo – o silenciamento. “Então é daquele jeito, amarra, alisa, molha, dá um jeito e quando secar bota atrás da orelha, bota um frizzo, bota um grampo, *dê um jeito, mas não encrespe não!*” (T., *Encrespa Natal* 2015, grifos meus).

Na fala de L. isso fica bastante visível, já que o constrangimento e o impacto em viver uma violência racista como não era sentida há vinte anos, desde sua infância quando ainda não utilizava produtos químicos e como tal situação a deixa sem condições de responder resistindo ao preconceito que diz ter sentido naquele momento:

Fazia muito tempo que eu não era vítima de racismo, desde a época da escola. E um dia desses numa reunião com outra advogada, mais velha e branca, ela chegou e perguntou: porque você fez isso no seu cabelo? No meio de uma reunião, na frente de um monte de gente. Fiquei completamente sem ação, porque quando a gente é vítima desse tipo de preconceito às vezes a gente fica sem ação. Só baixei a cabeça e disse *cortei o meu cabelo*. Eu podia ter falado (tom mais enfático) “eu cortei o meu cabelo, o cabelo é meu e a senhora não tem nada a ver com isso”, mas eu fiquei sem chão quando ela me perguntou, porque o tom da pergunta foi de preconceito, como se eu tivesse estragado o meu cabelo. (L., *Encrespa* 2015).

A normatividade dos corpos é uma questão que afeta todas as mulheres, independente de sua cor de pele, estatura e traços físicos. As características do corpo negro causam um impacto na subjetividade quando enquadram esses traços no padrão do não-belo, do feio, do indesejável. A normatividade estabelece que esse corpo deva ser modificado para ser invisibilizado ou por

tentativas frustradas de tentar ser algo que nunca poderá sê-lo. Assumir seu corpo negro com suas características naturais e não desejar alterá-lo é considerado um ato político e transforma essa pessoa em uma ativista, pois a partir disso irá enfrentar julgamentos de uma sociedade que é opressora e racista.

Considerações finais

A interpretação do cabelo do negro como símbolo de pertencimento étnico se apresenta como uma das múltiplas particularidades dadas pela cultura, que marca o diferencial desse grupo étnico/racial. Essa particularidade pode ser recebida de modo negativo ou positivo, dependendo do local histórico em que se insere o sujeito que o possui. Por isso, os diferentes olhares sobre a textura desse cabelo são construções culturais, e não dados naturais. Isso demonstra como as opiniões são eivadas de preconceito, quando não se existe informações que positivem o negro e a negra, construindo um contra discurso estético que fique oposto ao que é impregnado no imaginário social.

Na sociedade brasileira, o negro e principalmente a mulher negra, constroem uma identidade a partir da corporeidade por meio de um aprendizado que incorpora um movimento de rejeição/aceitação, negação/afirmação. A aceitação depende bastante da trajetória de vida, inserção social, possibilidade de convivência em espaços com cultura negra e raízes africanas vistas positivamente. A partir daí que é construída uma autoestima positiva, de ver a si e o outro. Todavia, essa aceitação não basta ao negro brasileiro, mas deve alcançar e ressignificar o pertencimento étnico/racial no plano coletivo também.

Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nos mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração. (HOOKS, 2000, p. 08).

Como hooks (2000) nos mostra, é importante que o sentimento de pertença seja sempre pautado e eventos que reúnam sujeitos negras e negros auxiliem numa construção de identidade positiva e capaz de ser libertadora, além de somar forças para os enfrentamentos diários contra o racismo. Ainda

assim, mesmo com os traços físicos, a dimensão subjetiva necessita de fases para se estabilizar e o contato com outras pessoas com maior conscientização positiva da negritude pode auxiliar no processo de fases anteriores. Desse modo, um evento de afirmação do negro, mesmo que inicialmente focando na perspectiva estética, pode contribuir para desconstrução negativa de uma identidade negada por uma sociedade racista. Como diz Munanga (1994), a identidade negra no Brasil é importante na dimensão subjetiva, simbólica e política, como uma “tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade [...]” (MUNANGA, 1994, p. 187).

Entretanto, é importante ressaltar que mesmo com todo o esforço em auxiliar na construção de uma identidade negra positiva, um evento individual não conseguirá jamais suprir com as marcas deixadas pelo racismo na subjetividade dos sujeitos negros. Tal tarefa deve ser iniciada no seio familiar e enfatizada na educação, para que se enxergue positivamente a cultura, a estética e a história negra em si. Grupos que tratem da questão racial são benéficos no auxílio dessa tarefa, mas o trabalho deve ser constante, já que os enfretamentos contra o racismo devem ser constantes. A compreensão, integração e reconhecimento dentro de um seio étnico/racial não são capazes de eliminar os conflitos diários vividos pelos negros na esfera da subjetividade, mas é inegável o auxílio que isso proporciona.

Notas

1. bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas.
2. Página no Facebook: www.facebook.com/ENCRESPAGERAL
3. Vídeo pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=ovhJUdijo7s>
4. Fricote. In: Magia. POLYGRAM, 1985 - Composição: Luis Caldas e Paulinho Camafêu.
5. Meu Cabelo Duro é assim. In: 13 - Chiclete com Banana. BMG – Ariola, 1994. Composição: Bell Marques/ Wadinho Marques/ Paulinho Camafêu. Ouvir música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fnhwzo1Cz6c>
6. *Big chop* é um termo em inglês que tem sido utilizado por mulheres em processo de transição capilar para o momento em que acontece o “grande corte”, no qual retira toda parte com química do cabelo, raspando ou deixando-o curto.
7. Correspondência da cantora Mel Nascimento, enviada à autora via Facebook em 10/4/2015.

8. A interlocutora se refere ao seu próprio cabelo.
9. Referência ao professor Kabenguele Munanga, que é titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: racismo, identidade, identidade negra, África e Brasil. – Texto retirado do currículo Lattes e informado pelo próprio autor.
10. As imagens podem ser acessadas em: https://www.facebook.com/andre.wanderson.756859/photos_albums?lst=100002213106758%3A100003587298922%3A1505442682
11. Vídeo pode ser assistido em: https://www.youtube.com/watch?v=T_xP06zlgUw
12. Personagem promovida pela Rede Globo durante o Carnaval desde 1993, seu ano do lançamento.
13. Guiné-Bissau, oficialmente República da Guiné-Bissau, é um país da África Ocidental que faz fronteira com o Senegal ao norte, Guiné ao sul e ao leste e com o Oceano Atlântico a oeste. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guiné-Bissau>. Acessado em: 26/04/17.
14. Cabo Verde, oficialmente República de Cabo Verde, é um país insular localizado num arquipélago formado por dez ilhas vulcânicas na região central do Oceano Atlântico. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Verde. Acessado em 26/04/17.

Referências

- ARAÚJO, Dailza. O gênero, a etnicidade e os deslocamentos identitários frente as demandas de representação social. Trabalho apresentado no *V Seminário da Pós Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento*, Chachoeira, 2015.
- CARRERA, Fernanda A. S.; OLIVEIRA, Luciana Xavier de. “Cabelo de Bombril”? Ethos publicitário, consumo e estereótipo em sites de redes sociais”. *Revista Novos Olhares*, São Paulo, vol. 2, n.1, pp. 67-75, 2013.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos pagu* (6-7), Campinas, v.6, n.7, pp. 35-50, 1996.
- CRUZ, Cintia. Afirmção da Negritude ou interesse de classe? Uma Etnografia do Instituto Beleza Natural em Salvador. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, Florianópolis, 2013.
- CRUZ, Denise F. de C. Seguindo as tramas de beleza em Maputo. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- FIGUEIREDO, Ângela. Cabelo, Cabeleira, Cabeluda e Descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros. *Anais da XXVI Reunião Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30. ed., Rio de Janeiro: Record, 1995 [1933].

GILLIAM, Angelra e Onik'a. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. *Estudos Feministas* (n.2), pp. 525-543, 1995.

GOMES, Larisse L. P. Entre Big Chops e Black Powers: Identidade, Raça e subjetividade em/na “Transição”. *Trabalho de Conclusão de Curso* (Especialização em Antropologia Social), Universidade Federal de Alagoas e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, 2014.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz*: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

hooks, bell. *Feminism is for everybody*. Passionate Politics. South End Press: Cambridge, MA, 2000.

MATOS, Lídia De O. “Não é só cabelo, é também identidade”: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016.

MERCER, Kobena. Black Hair: style politics. In: *Welcome to the jungle*: new positions in Black Cultural Studies. New York. 1987, pp. 33-54.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude*: usos e sentidos. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Orgs.) *A cidadania em construção*: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Luane B. dos. Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras. Trabalho apresentado no *Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*. Niterói: 2012.

Aesthetics as political action: making up minds and liberating hairs

Abstract

This study aims to analyze construction processes of the individual through Encrespa Geral movement, in the city of Natal /RN. In this paper, we discuss the issues of black women identity and their activist affirmation throughout the African hair. They are women that go through the aesthetic process of capillary transition and intend to rebuild a personality, which was deteriorated by stereotypical beauty standards that devalue black features. The supported idea is that the movement is not just an aesthetic debate, but starting from it, one has the political discussion of body and beauty of black women today. In addition, it will be analyzed the process of capillary transition, in which curly hair, free of chemicals, known as natural, is seen as a challenge device of a kind of “capillary dictatorship” and, at the same time, the production of subjects. Therefore, I propose to reflect how the construction of an aesthetic element - curly hair, without chemicals - has been seen and understood as a former of social, cultural and political activism of black people in Brazil. The research consists of the analysis of narratives of women living in Natal/RN, and in the privileged environment of ethnography happened during the event called “Encrespa Geral”, which we discuss with the participants, since the subject hair, issues such as self-esteem, racism and construction of identity.

Keywords: Anthropology of the subject; Capillary transition; Identity; Race; Hair.

Recebido em 08 de maio de 2017.

Aceito em 21 de agosto de 2017.

